

THORWALD DETHLEFSEN  
e RÜDIGER DAHLKE

A DOENÇA  
COMO CAMINHO

Tradução de  
José Manuel Carvalho

alma  
dos  
livros

## Índice

Prólogo .....	11
---------------	----

### PRIMEIRA PARTE CONDIÇÕES TEÓRICAS PARA A COMPREENSÃO DA DOENÇA E DA CURA

1. Doença e sintomas .....	15
2. Polaridade e unidade .....	27
3. A Sombra .....	49
4. O Bem e o Mal .....	57
5. O ser humano é um doente .....	69
6. Em busca das causas .....	75
7. O método da interrogação profunda .....	87
<i>A causalidade na medicina</i> .....	88
<i>A qualidade temporal da sintomatologia</i> .....	92
<i>Analogia e simbolismo do sintoma</i> .....	93
<i>As consequências forçadas</i> .....	98
<i>Equivalência de sintomas contraditórios</i> .....	99
<i>Etapas de agravamento</i> .....	100
<i>A cegueira perante si mesmo</i> .....	105
<i>Resumo da teoria</i> .....	106

### SEGUNDA PARTE A DOENÇA E O SEU SIGNIFICADO

1. A infecção .....	111
2. O sistema imunitário .....	125

3. A respiração .....	131
<i>A asma brônquica</i> .....	134
<i>Constipações e afeções gripais</i> .....	139
4. A digestão .....	143
<i>Os dentes</i> .....	145
<i>Náuseas e vômitos</i> .....	148
<i>O estômago</i> .....	148
<i>Perturbações estomacais e digestivas</i> .....	150
<i>Intestinos delgado e grosso</i> .....	151
<i>O pâncreas</i> .....	154
<i>O fígado</i> .....	155
<i>A vesícula biliar</i> .....	157
<i>A anorexia nervosa</i> .....	158
5. Os órgãos dos sentidos .....	163
<i>Os olhos</i> .....	166
<i>Os ouvidos</i> .....	169
6. A dor de cabeça .....	173
<i>A enxaqueca</i> .....	175
7. A pele .....	181
<i>Erupções</i> .....	184
<i>Prurido</i> .....	187
8. Os rins .....	189
<i>Rim contraído – Rim artificial</i> .....	196
<i>A bexiga</i> .....	197
9. A sexualidade e a gravidez .....	201
<i>Perturbações do período menstrual</i> .....	203
<i>A gravidez psicológica (pseudogestação)</i> .....	206
<i>Problemas da gravidez</i> .....	207
<i>Pré-eclâmpsia</i> .....	208
<i>O parto e a amamentação</i> .....	209
<i>A esterilidade (incapacidade de conceber)</i> .....	210
<i>A menopausa e o climactério</i> .....	210
<i>A frigidez e a impotência</i> .....	211
10. O coração e a circulação .....	215
<i>Pressão baixa – Pressão alta (hipotensão – hipertensão)</i> .....	215
<i>O coração</i> .....	218

## A DOENÇA COMO CAMINHO

<i>Debilidade do tecido conjuntivo – varizes – trombose</i> .....	222
11. O aparelho locomotor e os nervos .....	225
<i>A postura</i> .....	225
<i>Lumbago e ciática</i> .....	227
<i>As articulações</i> .....	229
<i>As afeções reumáticas</i> .....	231
<i>Perturbações motoras: torcicolo, cáibra do escritor</i> .....	235
<i>Roer as unhas</i> .....	236
<i>A gaguez</i> .....	238
12. Os acidentes .....	241
<i>Acidentes de viação</i> .....	244
<i>Acidentes domésticos e laborais</i> .....	247
<i>Fraturas</i> .....	249
13. Sintomas psíquicos .....	251
<i>A depressão</i> .....	254
<i>Insónias</i> .....	255
<i>A adição</i> .....	260
<i>Bulimia</i> .....	261
<i>Álcool</i> .....	262
<i>Tabaco</i> .....	262
<i>Drogas</i> .....	262
14. O cancro (tumor maligno) .....	265
15. O que podemos fazer? .....	277
Anexo	
<i>Relação entre os órgãos e partes do corpo e os respetivos atributos psíquicos por ordem alfabética</i> .....	289

## PRÓLOGO

**E**ste livro é incómodo porque rouba ao ser humano a possibilidade de recorrer à doença como um alibi para a resolução dos seus problemas. Propomo-nos demonstrar que o doente não é a vítima inocente dos erros da natureza, mas antes o seu próprio carrasco. Com esta afirmação, não nos referimos à contaminação do meio ambiente, aos males da civilização, à vida insalubre ou a outros vilões do género; pretendemos antes evidenciar o aspeto metafísico da doença. Por esse prisma, os sintomas surgem como manifestações físicas de conflitos psíquicos e a sua mensagem pode desvendar o problema de cada paciente.

Na primeira parte, expomos uma «filosofia da doença» e fornecemos a chave para a sua compreensão. Recomendamos que a leia com particular atenção, as vezes que forem necessárias, antes de passar à segunda parte. Este livro pode ser considerado a continuação, ou a explicação, do meu livro anterior, *Schicksal als Chance*, ainda que nos tenhamos esforçado para que fosse completo por si só. De qualquer forma, consideramos que uma leitura de *Schicksal als Chance* poderá fornecer uma boa preparação, ou complemento, em especial a quem sinta dificuldades em compreender a parte teórica.

Na segunda parte, apresentamos quadros clínicos acompanhados do seu simbolismo e do seu carácter enquanto manifestações de problemas psíquicos. Um índice de sintomas colocado no final do livro permitir-lhe-á descobrir, caso necessite, o significado de um sintoma específico. De qualquer forma, o nosso objetivo principal consiste

em facultar uma nova perspectiva que lhe possibilite reconhecer os sintomas e entender, por si mesmo, o seu significado.

Ao mesmo tempo, utilizámos o tema da doença como base para um leque de assuntos ideológicos e esotéricos cujo alcance está para lá do quadro restrito da doença. Este livro não é de difícil compreensão, mas tão-pouco será tão simplista, ou trivial, como possa parecer a todos aqueles que não entendam o nosso conceito. Não se trata de um livro científico, escrito à laia de dissertação. Dirige-se a quem se sinta disposto a percorrer o caminho, em vez de permanecer sentado à beira da estrada, matando o tempo com malabarismos e especulações gratuitas. Aquele que busca a luz não tem tempo para experiências e teorias científicas; aspira, acima de tudo, ao Conhecimento. Este livro vai certamente suscitar muito antagonismo; esperamos, no entanto, que chegue às mãos daqueles (sejam muitos ou poucos) que o possam utilizar como um guia no seu percurso. Escrevemo-lo a pensar neles.

Munique, fevereiro de 1983

Os autores

*PRIMEIRA PARTE*

**CONDIÇÕES TEÓRICAS  
PARA A COMPREENSÃO  
DA DOENÇA E DA CURA**

## DOENÇA E SINTOMAS

*O entendimento humano é incapaz de apreender  
o verdadeiro ensinamento. Porém, quando tiverdes dúvidas  
e não entenderdes, conversarei convosco com todo o gosto.*

Yoka Daishi, *Shodoka*

Vivemos numa era em que a medicina, valendo-se de possibilidades que raiam o milagroso, oferece incessantemente aos descrentes apavorados novas soluções para os seus males. Ao mesmo tempo, porém, as vozes de desconfiança em relação a esta medicina moderna, quase onnipotente, tornam-se cada vez mais audíveis. A cada dia aumenta o número dos que confiam mais nos métodos, antigos ou modernos, da medicina naturalista, ou homeopática, do que na medicina académica e científica. Motivos de crítica não faltam: efeitos secundários, alteração dos sintomas, falta de humanidade, custos exorbitantes (referindo apenas alguns). Mais interessante, porém, do que os motivos de crítica propriamente ditos é a existência da crítica em si, uma vez que, antes de se concretizar de modo racional, ela responde a um sentimento difuso de que algo falha e de que o caminho percorrido não conduz ao objetivo desejado, ainda que a ação se desenvolva de modo conseqüente – ou precisamente por causa disso. Esta inquietação é comum a muitos, contando-se entre eles um grande número de jovens médicos. De qualquer forma, a união desmorona-se quando chega o momento de propor alternativas.



Para uns, a solução passa pela socialização da medicina; para outros, reside na substituição da quimioterapia por medicamentos naturais e vegetais. Enquanto alguns vislumbram a solução de todos os problemas na investigação das radiações telúricas, outros há que defendem a homeopatia. Os acupunctores e os investigadores de focos advogam que se desvie a atenção do plano morfológico para o plano energético da fisiologia. Se analisarmos o conjunto dos métodos e esforços extra-acadêmicos, observamos, além de uma grande recetividade em relação à diversidade de métodos existentes, a vontade de considerar o ser humano no seu todo, enquanto entidade psíquico-fisiológica. Ora, não será surpresa para ninguém se dissermos que a medicina académica perdeu o ser humano de vista. A superespecialização e a análise são os conceitos fundamentais sobre os quais assenta a investigação, mas esses métodos, ao proporcionar um conhecimento mais minucioso e pormenorizado, fazem com que o todo se dilua.

Se prestarmos atenção ao debate aceso que se desenrola no mundo da medicina, observaremos que, de modo geral, se discutem os métodos e o seu funcionamento, e que, até hoje, muito pouco se disse sobre a teoria ou filosofia da medicina. Ainda que seja verdade que a medicina se serve em grande medida de operações concretas e práticas, a filosofia dominante encontra-se – deliberada ou inconscientemente – expressa em cada uma delas. A medicina moderna não falha por falta de possibilidades de intervenção, mas antes em virtude do conceito sobre o qual – muitas vezes de modo implícito e irrefletido – baseia a sua atuação. É pela sua filosofia que a medicina falha, ou, mais precisamente, pela falta dela. Até ao presente, o desempenho da medicina tem respondido unicamente a critérios de funcionalidade e eficácia; a falta de bases valeu-lhe o título de «desumana». Ainda que essa desumanidade se manifeste num grande número de situações concretas externas, não se trata de um defeito que possa ser remediado através de meras modificações funcionais. São muitos os sinais que indicam que a medicina está doente. Não se poderá curar esta «doente» tratando apenas os sintomas. Não obstante, a maioria dos críticos da medicina académica e dos propagandistas das formas alternativas de cura adotam automaticamente os critérios da medicina académica e concentram todas as suas energias na modificação das formas (métodos).

No presente livro, propomo-nos abordar a problemática da doença e da cura. Não nos conformaremos, porém, com os valores habituais e por todos considerados indispensáveis. À partida, tal postura torna o nosso propósito difícil e perigoso, na medida em que implica pesquisar sem escrúpulos por terrenos considerados vedados pela sociedade. Temos consciência de que o passo que damos não será aquele que a medicina dará na sua evolução. Saltamos por cima de muitos dos passos que a medicina ainda não percorreu, passos cuja perfeita compreensão lhe permitirá atingir a perspetiva necessária para que possa acolher o conceito apresentado neste livro. Por essa razão afirmamos que não pretendemos com a presente exposição contribuir para o desenvolvimento da medicina em geral; dirigimo-nos antes aos indivíduos cuja visão pessoal se antecipa um pouco ao (algo arrastado) ritmo geral.

Os processos funcionais não têm significado intrínseco. O significado de um acontecimento é-nos revelado pela interpretação que dele fazemos. Por exemplo, a subida de uma coluna de mercúrio num tubo de cristal carece de significado até que tenhamos interpretado o sucedido como se tratando da manifestação de uma mudança de temperatura. Quando as pessoas deixam de interpretar os acontecimentos que ocorrem no mundo e o curso do seu próprio destino, a sua existência dissolve-se na incoerência e no absurdo. Para interpretar algo, é necessário que haja um padrão de referência exterior ao plano no qual se manifesta aquilo que se pretende interpretar. Por essa razão, os processos deste mundo material – mundo das formas – não são passíveis de interpretação sem que se recorra a um padrão de referência metafísico. Enquanto o mundo visível não se «converter em alegoria» (Goethe), não adquirirá qualquer sentido ou significado para o ser humano. Da mesma forma que o número e a letra representam uma ideia subjacente, tudo aquilo que é *visível*, tudo o que é concreto e funcional, não é mais que a expressão de uma ideia e, portanto, um intermediário do invisível.

Em síntese, podemos chamar a estes dois campos forma e conteúdo. É na forma que se manifesta o conteúdo, que, por sua vez, atribui significado à forma. Os símbolos de escrita que não transmitem ideias ou significado surgem como tolos ou vazios. E, por mais minuciosa que seja a análise desses símbolos, isso de nada adiantará. Na arte,

acontece algo semelhante. O valor de uma pintura não reside nem na qualidade da tela nem nas cores; essas componentes materiais do quadro são portadoras e transmissoras de uma ideia, de uma imagem interior do artista. A tela e a cor permitem a visualização do invisível e são, por isso, a expressão física de um conteúdo metafísico.

Através destes exemplos, procurámos explicar o método seguido no livro para a *interpretação* dos temas da doença e da cura. Abandonámos explícita e deliberadamente o terreno da «medicina científica». Não temos pretensões de ser «científicos», uma vez que o nosso ponto de partida é totalmente distinto. Nem a argumentação nem a crítica científica serão, pois, objeto das nossas considerações. Afastamo-nos intencionalmente do padrão científico porque este restringe-se precisamente ao plano funcional e impede, por isso, que o significado se torne evidente. Esta explicação não se dirige aos racionalistas e materialistas declarados, mas antes àqueles que estejam dispostos a seguir pelos caminhos tortuosos e nem sempre lógicos da mente humana. Nesta viagem através da alma humana, os melhores companheiros serão um pensamento ágil, a imaginação, a ironia e um bom ouvido para os sentidos ocultos da linguagem. O nosso empenho exigirá também uma boa dose de tolerância para com os paradoxos e para com a ambivalência, devendo ainda excluir-se qualquer pretensão de alcançar a iluminação unívoca mediante a destruição de alguma das opções.

Tanto na medicina como na linguagem popular, costuma falar-se das mais diversas *doenças*. Esta imprecisão verbal indica claramente a incompreensão universal de que padece o conceito de *doença*. Doença é uma palavra que apenas se deveria proferir no singular; dizer *doenças*, no plural, é tão insensato como pronunciar «saúdes». Doença e saúde são conceitos singulares, uma vez que se referem a um estado do ser humano e não a órgãos ou partes do corpo, como parece querer indicar a linguagem habitual. O corpo nunca está nem doente nem são, na medida em que nele se manifestam apenas as informações da mente. O corpo nada faz por si só. Para o comprovar, basta observar um cadáver. O corpo de uma pessoa viva deve o seu funcionamento precisamente a duas instâncias imateriais que costumamos apelidar de «consciência» (alma) e «vida» (espírito). A consciência emite a informação que se manifesta e se torna visível no corpo. A consciência

está para o corpo como um programa de rádio está para o recetor. Dado que a consciência representa uma qualidade imaterial e própria, não é, naturalmente, produto do corpo, nem dependerá da existência deste.

Aquilo que sucede no corpo de um ser vivo é a expressão de uma informação ou a concretização da imagem que dele se tem («imagem» em grego diz-se *eidolon*, palavra que se refere também ao conceito de «ideia»). Quando o pulso e o coração seguem um ritmo determinado, a temperatura corporal mantém um nível constante, as glândulas segregam hormonas e formam-se anticorpos no organismo. Estas funções não podem explicar-se apenas tendo em conta a matéria, dependendo antes de uma informação concreta cujo ponto de partida reside na consciência. Quando as diferentes funções corporais se conjugam de determinada maneira, produz-se um modelo que consideramos harmonioso e que, por essa razão, denominamos de *saúde*. Se alguma dessas funções sofrer uma perturbação, quebra-se a harmonia do conjunto e falamos então de *doença*.

A palavra *doença* significa, pois, a perda de um estado de harmonia, ou, ainda, a perturbação de um equilíbrio mantido até então (veremos mais adiante que, na realidade, quando contemplada por este outro prisma, a doença consiste na instauração de um equilíbrio). Ora vejamos, a perda de harmonia produz-se ao nível da consciência – no plano da informação –, mas é no corpo que se torna *visível*. Por conseguinte, o corpo é o veículo da manifestação, ou realização, de todos os processos e mudanças que se produzem na consciência. O mundo material não é mais do que o cenário sobre o qual as imagens da consciência se manifestam. Podemos então afirmar que, se uma pessoa sofre um desequilíbrio na consciência, este manifestar-se-á no corpo sob a forma de sintoma. É incorreto, portanto, dizer que o corpo está doente – apenas o ser humano pode estar doente –, por muito que esse estado de doença se manifeste no corpo enquanto sintoma. (Na representação de uma tragédia, não é o cenário que é trágico, mas sim a obra representada!)

Sintomas há muitos, mas todos são a expressão de um processo único e invariável a que chamamos *doença* e que se produz sempre na consciência do indivíduo. Sem a consciência, portanto, o corpo jamais pode viver ou «adoecer». Convém frisar que não subscrevemos

a habitual divisão das doenças em somáticas, psicossomáticas, psíquicas e espirituais. Esta classificação serve sobretudo para impedir a compreensão da doença, e não para facilitá-la.

O nosso posicionamento coincide parcialmente com o modelo psicossomático, se bem que com a diferença de aplicarmos essa visão a *todos* os sintomas, sem exceção. A distinção entre «somático» e «psíquico» poderá referir-se, quando muito, ao plano em que o sintoma se manifesta, mas não serve para localizar a doença. O conceito arcaico de *doenças do espírito* é totalmente equivocado, visto que o *espírito* nunca pode *adoecer*. Trata-se exclusivamente de sintomas que se manifestam no plano psíquico, ou seja, na consciência do indivíduo.

Trataremos aqui de traçar um quadro unitário da doença que, na sua essência, situe a diferenciação somático/psíquico no plano da manifestação do sintoma predominante no caso concreto. Ao estabelecermos a diferenciação entre a doença (no plano da consciência) e o sintoma (no plano corporal), o nosso exame desvia-se da análise habitual dos processos corporais, aproximando-se mais de uma contemplação, considerada hoje insólita, do plano psíquico. Agimos, portanto, como um crítico que não procura melhorar uma peça de teatro de fraca qualidade analisando e modificando o palco, os adereços ou os atores, mas que contempla a obra em si.

Quando um sintoma se manifesta no corpo de uma pessoa, ele chama a atenção, interrompendo (em maior ou menor grau) a continuidade da vida diária, muitas vezes de forma brusca. Um sintoma é um sinal que monopoliza a atenção, o interesse e a energia; e impede, portanto, o decurso normal da vida. Um sintoma exige a nossa plena atenção, quer queiramos quer não. Essa interrupção que nos parece vinda *de fora* produz em nós um mal-estar, e, a partir desse instante, o nosso objetivo passa a ser apenas um: eliminá-lo. O ser humano detesta ser incomodado, e é esse incómodo que faz disparar a luta contra o sintoma. A luta exige atenção e dedicação: o sintoma consegue sempre que fiquemos dependentes dele.

A medicina tem tentado convencer os doentes, desde o tempo de Hipócrates, de que um sintoma é uma circunstância mais ou menos inesperada cuja *causa* se deve procurar nos processos funcionais que ela investiga com tanto empenho. A medicina académica evita cuidadosamente qualquer *interpretação* do sintoma, relegando-o

e à doença para o campo da incoerência. O *signal* acaba, assim, por perder a sua verdadeira função – os sintomas convertem-se em sinais incompreensíveis.

Vejamus um exemplo: um automóvel possui vários indicadores luminosos que se acendem apenas quando existe alguma anomalia grave no funcionamento do veículo. Se, durante uma viagem, um desses indicadores se acende, isso contraria os nossos planos. Em virtude do sinal, sentimo-nos na obrigação de interromper a viagem. Por mais que nos incomode parar, compreendemos que seria um disparate zangarmo-nos com a luzinha; afinal, ela está a avisar-nos de uma perturbação que nunca descobriríamos com rapidez suficiente, na medida em que se encontra nalgum recanto escondido e inacessível. Interpretamos, portanto, o aviso que nos é dado como uma recomendação para chamarmos um mecânico que arranje aquilo que for preciso de maneira que a luzinha se apague e possamos seguir viagem. Indignar-nos-íamos, porém, e com razão, se, para o conseguir, o mecânico se limitasse a retirar a lâmpada. É óbvio que o indicador deixaria de sinalizar – e era isso que pretendíamos –, no entanto, o procedimento utilizado para o conseguir seria demasiado simplista. Mais correto seria eliminar a razão pela qual o sinal se estava a acender, e não retirar a lâmpada. Para tal, porém, é necessário desviar o olhar do sinal e dirigi-lo para zonas mais profundas, a fim de averiguar o que é que não *funciona*. O sinal apenas nos queria avisar e fazer com que nos perguntássemos o que é que não ia bem. O sintoma, na temática que aqui abordamos, não é mais que o tal indicador luminoso do exemplo que acabámos de ver. Aquilo que se manifesta no corpo sob a forma de sintoma é a expressão visível de um processo invisível que pretende interromper, através desse sinal, a nossa rotina, avisar-nos de que há uma *anomalia* e obrigar-nos a investigar qual possa ser. Também neste caso seria uma idiotice *zangarmo-nos* com o sinal, e não menos absurdo procurar suprimi-lo, impedindo assim a sua manifestação. Aquilo que devemos eliminar não é o sintoma, mas sim a causa. Assim, se quisermos descobrir aquilo que o sintoma nos está a sinalizar, teremos de desviar o olhar do sintoma e procurar *mais além*.

Porém, a medicina moderna mostra-se incapaz de dar tamanho passo, e é aí que reside o seu problema: deixa-se deslumbrar pelo sintoma. Por essa razão, equipara sintoma a doença, ou seja, é incapaz de separar a

forma do conteúdo. É por essa razão que não se questionam os recursos usados para tratar órgãos e partes do corpo, ao mesmo tempo que se menospreza o indivíduo que está doente. Trata-se apenas de impedir o aparecimento de sintomas, sem ter em conta a viabilidade nem a racionalidade desse propósito. É assustador verificar como a realidade é impotente para travar a corrida desenfreada em prol desse objetivo. Feitas bem as contas, o número de doentes não baixou sequer 1% desde o aparecimento da chamada «medicina científica moderna». Há tantos doentes hoje como havia no passado – ainda que os sintomas sejam outros. A verdade crua é disfarçada graças às estatísticas que se referem apenas a uns quantos grupos de sintomas específicos. Apregoa-se, por exemplo, o triunfo sobre as doenças infecciosas sem se referir que, durante o mesmo período, outros sintomas viram a sua importância e frequência aumentar.

Os estudos não serão fiáveis até ao dia em que, em vez de se considerarem os sintomas, se tenha em conta a doença propriamente dita, e essa nem diminuiu nem parece que venha a diminuir nos próximos tempos. A doença encontra-se tão profundamente arreigada no Ser como a própria morte e é impossível eliminá-la com umas quantas manipulações incongruentes e funcionais. Se o Homem compreendesse a grandeza e dignidade da doença e da morte, veria o quão ridículo é o seu empenho em combatê-las com todas as suas forças. Naturalmente, é possível protegemo-nos da desilusão reduzindo a doença e a morte a meras funções, para assim podermos continuar a acreditar na nossa grandeza e no nosso poder.

Em resumo, a doença é um estado que indica que o indivíduo deixou de estar em *ordem* ou em *harmonia* no plano da consciência. Essa perda do equilíbrio interno manifesta-se no corpo sob a forma de sintoma. Nessa perspetiva, o sintoma é portador de informação, uma vez que, ao aparecer, interrompe o ritmo da nossa vida e nos obriga a ficar dependentes dele. O sintoma avisa-nos que, enquanto *indivíduos*, enquanto seres *dotados de alma*, estamos doentes, ou seja, perdemos o equilíbrio das forças da alma. O sintoma informa-nos de que algo falta. Revela um defeito, uma falha. A consciência apercebeu-se de que, para permanecermos sãos, há algo que nos está a faltar. Essa carência manifesta-se no corpo enquanto sintoma. O sintoma é, pois, o aviso de que *algo falta*.